

Apresentação

A chamada para a presente edição da *outra travessia* – *O ensaísmo breve latino-americano, aportes e suportes* –, respondia ao propósito de promover debates e discussões acerca da prática ensaística que incidissem menos sobre os grandes ensaios de interpretação nacional, ou regional, do que sobre o exercício do ensaio breve, isto é, textos de pequenas dimensões focados em questões mais discretas e pontuais relativas ao espaço literário, artístico e cultural, em especial no domínio sul-americano. Ensaios que, a despeito da extensão por vezes reduzida, vistos em conjunto de algum modo estabelecem, ou tendem a estabelecer, redes interpretativas que introduzem ou desenvolvem parâmetros e categorias com o poder virtual de se disseminar, obliquamente, no domínio da crítica que nos coube e que nos cabe. Um esforço de perscrutar perspectivas que a duras penas lançamos para nos considerarmos, assim nos considerando, enquanto coletividade dispersa e plural. A revista, assim, esboçava a ambição de apresentar percursos intelectuais de uma possível *outra travessia*, através de diferentes reflexões e inflexões ensaísticas lançadas subcontinente afora.

Para tanto, convidamos alguns pesquisadores afeitos a questões relativas ao moderno ensaísmo latino-americano para que participassem desse esforço coletivo de reflexão, colegas que prontamente aceitaram o desafio, e a quem agradecemos. Assim, Mary Luz Estupiñán e

raúl rodríguez freire contribuíram com um ensaio sobre Silviano Santiago, “Um ensaísta nos trópicos”, versão do texto de apresentação da edição chilena, de 2012, cujo nome remete ao hoje clássico *Uma literatura nos trópicos*, publicado pela primeira vez em 1978. Os autores se empenham em situar o pioneirismo do pensamento de Silviano Santiago no âmbito da crítica brasileira e latino-americana da segunda metade do século XX, considerando-o, dada a sua matriz desconstrucionista, em tensão com o paradigma ou a teoria da dependência, de matriz sociológica, então predominante nas análises sobre as relações culturais, econômicas e políticas entre latino-américa e o neo-colonialismo das poderosas nações do norte.

Adriana Rodríguez Pésico, por sua vez, em “Elías Castelnuovo: una lectura plebeya del freudismo”, investiga o “antifreudismo plebeu”, de base materialista, com que Elías Castelnuovo, em seu *Psicoanálisis sexual y social*, de 1938, reage a postulados diversos da teoria psicanalítica proposta por Freud, por ele considerada, em resumidas contas, como constituindo nada mais que “um novo método de desorientação social”. A autora mostra como a sofisticada e erudita trama teórica freudiana é traduzida, e criticada, com base em uma retórica que apela a uma expressão e a um senso comum de raiz popular. A pesquisadora Alejandra Josiowicz, em “Ángel Rama y el ensayo cosmopolita”, analisa os ensaios de exílio do crítico uruguaio, escritos entre 1981 e 1983, que segundo ela se caracterizam, notadamente, e em contraste com seus grandes estudos de interpretação, pelo recurso a uma rede conceitual provisória na qual cosmopolitismo e internacionalismo são conjugados para tratar de questões relativas ao avanço da técnica no campo da cultura. Já Raul Antelo parte de um corte semântico transversal que coloca em questão relações entre *sage*, *sagística* e *saggio*, e, daí, entre sigética e metafísica, o que lhe permite articular e contrapor posições diversas de intelectuais como Hegel, Bataille, Kojève, Agamben, Caillois e Foucault em torno

da potência ou da gesta do pensamento ensaístico. Num segundo movimento, complementar ao primeiro, o autor, após passar pelo extremismo de Vicente Fatone, expõe a exigência de Héctor Murena do caráter anacrônico, silente e neutral de uma reivindicação e de uma prática ensaística que estabelece uma possível linhagem díspar no âmbito do ensaísmo latino-americano.

Como desagravo ao debate, por vezes tingido com as mal disfarçadas cores de um oportunismo político, resultante da nomeação de Ricardo Forster como titular da Secretária de Coordenação Estratégica para o Pensamento Nacional, no Ministério da Cultura da Argentina, resolvemos traduzir e publicar um ensaio de Forster, escrito em 1992 e inédito no Brasil, em que o autor traça um estudo centrado em consonâncias e dissonâncias que vai pacientemente situando e desdobrando ao discorrer, em paralelo, sobre trajetórias e dilemas intelectuais que confluem em escritos de Jorge Luis Borges e Walter Benjamin. Memória e experiência, anacronismo e desenraizamento, melancolia, entre outras categorias, são por ele brilhantemente tomadas como campos de força que apontam para uma única paixão que em definitivo aproxima os dois intelectuais: a da escritura.

Entre os pesquisadores que enviaram ensaios, a quem do mesmo modo agradecemos, o Conselho Consultivo da *outra travessia* aprovou e recomendou a publicação daqueles de Alfredo Cesar Melo, Gustavo Ponciano Cunha de Oliveira, Kelvin Falcão Klein, Leonardo D'Ávila de Oliveira, Paula Regina Siega e Renata Magdaleno. “Dois atlas para a América Latina”, de Falcão Klein, tem como motivo ensaios, publicados nos anos de 1960, do poeta e crítico de origem argentina Héctor Ciochini, em especial aqueles em que ele discute textos de Saint-Exupéry relativos à América do Sul. Klein enfatiza a perspectiva aérea característica destes escritos, de que decorre uma desmaterialização das ideias de fronteira e de temporalidade histórica: limiaridade e linearidade são deste modo postos em contraste. Num

segundo movimento, o estudioso traz para a sua reflexão o *Atlas portátil de América Latina: artes y ficciones errantes*, livro de Graciela Speranza, para, a partir daí, colocar em questão o deslocamento para o âmbito latino-americano do pensamento de Aby Warburg, e o conceito de atlas, de um lado, e a invisibilidade a que ficou relegado o trabalho de Héctor Ciocchini, a despeito de suas pesquisas no Warburg Institute. Gustavo Ponciano Cunha de Oliveira, por sua vez, como anuncia o título de seu ensaio, “A metáfora na ensaística de Borges”, acompanha, transversalmente, ao longo de ensaios de Jorge Luis Borges, mutações que alteram radicalmente a compreensão, e a aplicação, da noção de metáfora. Esta, segundo o argumento de Gustavo Oliveira, vai deixando de ser vista como sobretudo uma figura expressiva (como a via o Borges jovem ensaísta dos anos de 1920), para se transformar na possibilidade de abertura de um espaço deslizante, no qual elementos incomensuráveis poderiam ser postos em relação: um percurso que une, mas também separa, na literatura borgiana, tópica e nominalismo, potências de expansão e de concentração de sentidos.

Em “Sanar a inteligência. Contestações ensaísticas de Ernesto Palacio e Victoria Ocampo a José Ortega y Gasset”, Leonardo D’Ávila de Oliveira atenta para a amistosa polêmica, em torno do ensaísmo, e ademais em tom ensaístico, que reúne os três intelectuais mencionados no título de sua intervenção. O ensaio como possibilidade de salvação, tal como postulado por Ortega y Gasset, exercício que acima de tudo coloca em questão as faculdades de pensar e expressar, ensaiando, é lido na contraluz das posições de Victoria Ocampo e Ernesto Palacio. Para estes, como indica Leonardo Oliveira, o propósito gassetiano de salvar ou sanar a inteligência deixa-se contaminar por um forte apreço ao sensorialismo e ao sensualismo, o que acarreta uma deriva do inteligível para o campo do sensível. Alfredo Cesar Melo propõe também uma leitura contrastiva, produto de um empenho em remontar às heranças, e remontá-las.

Deste modo, “Ressignificações na periferia do ensaísmo latino-americano: Gabriel Mariano e Gloria Anzaldúa” toma por base os grandes ensaios interpretativos de Gilberto Freyre, em particular *Casa Grande & Senzala*, e José Vasconcelos, com *La raza cósmica*, para pensar possíveis articulações e deslizamentos entre centros e periferias no contexto do ensaísmo latino-americano. O ensaísmo de Gabriel Mariano e Gloria Anzaldúa são então considerados sob o signo da “falsa obediência”, categoria de Silviano Santiago, com relação às ideias e intervenções de seus próprios mestres, ou antecessores.

O cinema e o ensaísmo a ele dedicado, no contexto do cinema novo, é o tema do texto de Paula Regina Siega, “Breve, brevíssimo! O discurso cinematográfico brasileiro dos anos 1960 em sua veiculação externa”. A pesquisadora argumenta em prol da nada simples empresa de perceber, em ensaios de cineastas e críticos do cinema novo, chaves de leitura, provindas notadamente do espaço literário brasileiro, que permitiriam ao público visado, europeu, uma adequada leitura da produção fílmica do cinema novo. A feliz intersecção e intercâmbio entre cinema e literatura, que possibilitara o vislumbre de uma “utopia revolucionária”, com o golpe militar de 1964, no Brasil, dá lugar, como indica o texto de Paula Regina Siega, por um “sentimento trágico” que, provindo da violência armada, constrangedora com respeito a qualquer exercício verdadeiramente político, atinge e contamina também a cena cultural. Por fim, Renata Magdaleno, em “A viagem e a escrita: trânsito entre gêneros e territórios em Martín Caparrós e Andrés Neuman”, investiga, com base em escritos de Caparrós e Neuman, o caráter híbrido da literatura contemporânea latino-americana. A mescla entre observação crítica e envolvimento pessoal, identificada em textos dos dois escritores, é incorporada pelo texto da própria estudiosa, que, assim, não apenas comenta mas também exercita, e ensaia, esse deslocamento posto sob o signo da liquidez.

Os editores

